

VIADOPLANTA: UMA PROPOSIÇÃO PERFORMATIVA E EPISTEMOLÓGICA NA REVISÃO DO CONCEITO DE CULTURA

Saile Moura Farias, UDESC¹

“O pluralismo do pensamento não empobrece, pelo contrário,
enriquece”
Kabengele Munanga

RESUMO:

O presente artigo busca tecer revisões acerca do conceito de cultura, sobretudo levando em consideração os aspectos plurais e dinâmicos desse agenciamento político. Por meio de autores como Roque de Barros Laraia (2001) e Teixeira Coelho (2001), desenvolvem-se perspectivas que alicerçam concepções mais críticas e contextuais da cultura. A realização disso se concerne à proposição do conceito de viadoplanta como um agente performativo e epistemológico dissidente, que visa promover auxílio ao exercício analítico de compreensão cultural. Para tanto, leva-se em consideração a redistribuição de discursividades e a mobilização de novos imaginários culturais, instâncias de suma importância na regência de elaborações *viadovegetais* perscrutando o que mais podemos compreender e fabular da cultura, ou, dito de outro modo, de uma cultura fabular, a depender de quais negociações forjamos.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura fabular; Viadoplanta; Epistemologia dissidente; Imaginários culturais; Viadovegetais.

ABSTRACT

This article seeks to make revisions about the concept of culture, especially taking into account the plural and dynamic aspects of this political agency. Through authors such as Roque de Barros Laraia (2001) and Teixeira Coelho (2001), perspectives

¹ Desenvolve um Doutorado na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), mais especificamente no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC), sob a orientação da prof^a Dr^a Dodi Tavares Borges Leal. É um ator e pesquisador formado pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), onde pôde também desenvolver estudos acerca da performance e da escrita como veículos de potencialização das fabulações políticas e poéticas na cena teatral, e no âmbito acadêmico de pesquisas sobre o corpo e suas afetações. Por meio disso, busca a mobilização de discursividades, práticas e perspectivas que corroboram a reelaborações de termos, conjuntamente a proposição de outros novos, em vista de reposicionamentos ético-estéticos nas estruturas epistemológicas vigentes.

are developed that support more critical and contextual conceptions of culture. The realization of this concerns the proposition of the concept of viadoplanta as a dissident performative and epistemological agent, which aims to promote aid to the analytical exercise of cultural fable. To do so, the redistribution of discursivities and the mobilization of new cultural imaginaries are taken into account, instances of paramount importance in the conduction of *viadovegetal* elaborations, scrutinizing what else we can understand and fable about culture, or, in other words, about a culture fable, depending on which negotiations we forge.

KEYWORDS: Culture fable; Viadoplant; Dissident epistemology; Cultural imaginaries; Viadovegetais.

Introdução

A viadoplanta se estabelece enquanto um ato performativo na linguagem, isto é, se articula ao intuito de produzir uma nova dimensão epistêmica para, desse modo, auxiliar numa revisão analítica do conceito de cultura, para além da massificação hegemônica e centralizadora nas dinâmicas que não abarcam contextos e complexidades de, por exemplo, corpos *viadovegetais*. Propõe-se, desse modo, uma *cultura fabular*.

A proposta deste presente artigo não é somente a de traçar críticas e delineamentos acerca da cultura enquanto um agenciamento tomado pelos sistemas hegemônicos de cooptação social. Trata-se, resumidamente, de abordar o conceito de viadoplanta, articulando-o como um movimento teórico-discursivo que se alia às dinâmicas culturais, sobretudo levando em consideração o trabalho realizado pelo antropólogo Roque de Barros Laraia, na obra *Cultura: um conceito antropológico*, e o do professor e pesquisador Teixeira Coelho em *O que é ação cultural?* Para tanto, buscar-se-á refletir alguns aspectos fundantes o ensejo cultural hegemônico, tal como a lógica, a ética etc., por meio de leituras mais críticas e contextuais, realizando esse exercício através de propostas conceituais, bem como perspectivas políticas de corpos sexo-gênero dissidentes.

Para tanto, realiza-se uma discussão conceitual, traçando argumentações tanto com base no que mais podemos entender do aspecto cultural por meio de outras deliberações de saberes, linguagens e enunciações políticas, quanto através da viadoplanta como um horizonte epistemológico, ético-estético e criativo, que pode dialogar com modulações dinâmicas da cultura agenciada por corpos sexo-gênero

dissidentes conforme suas movimentações, públicas e privadas, em vista de promover outras realidades de povoamento cultural, tal como de uma *cultura fabular*.

Segundo o antropólogo Roque de Barros Laraia,

Toda cultura tem sua própria lógica e não passa de um ato primário de etnocentrismo tentar transferir a lógica de um sistema para outro. Infelizmente, a tendência mais comum é de considerar lógico apenas o próprio sistema e atribuir aos demais um ato de irracionalismo (LARAIA, 2001, p. 87)

Essa perspectiva da lógica como um mecanismo de defesa de uma cultura, em detrimento de outras diferentes, é um aspecto elementar no presente trabalho. Isso pois, ao partir desse princípio de racionalização como vértice estrutural de uma ideação cultural, podemos, então, refletir acerca de outros aspectos da razão. Buscar-se-á isso como mecanismo de produzir descentralizações aos métodos que preconizam determinados corpos (e, com isso, um corpo cultural), em detrimento de outros (muitos). Essa ponderação é importante porque, por meio dessa redistribuição dos cânones racionais, forja-se também a viadoplanta como uma dimensão conceitual que é também de vida², bem como criativa, epistemológica, filosófica, e, por que não agenciadora de povoamentos culturais? Trata-se de defender, por conseguinte, a cultura como *experiência* de relações (LARROSA, 2019).

A viadoplanta como jardim-ateliê de uma cultura fabular

A viadoplanta é uma proposta conceitual que busca referenciar, fabulando dimensões éticas e estéticas, a interação dos estudos de gênero e sexualidade com as plantas. Tal perspectiva é defendida a partir da tese de que corpos sexo-gênero dissidentes e a vida vegetal, quando pensados na abordagem da urbanidade, são existências apartadas do que seria uma condição vivível. Portanto, partilham o que Judith Butler, em *Corpos em aliança e apolítica das ruas* (2018), chama de exposição diferencial³. Diante disso, fabula-se a viadoplanta como um mecanismo teórico, mas substancialmente prático,

² [...] quando pronunciamos a palavra vida, deve-se entender que não se trata da vida reconhecida pelo exterior dos fatos, mas dessa espécie de centro frágil e turbulento que as formas não alcançam” (ARTAUD, 2006, p. 8).

³ Apesar de a perspectiva já ser autoexplicativa, vale uma ponderação mais generosa acerca do que Judith Butler (2018) explana com isso. Essa *exposição diferencial* a que se refere a autora, está relacionada com processos de violências e violações que são distribuídas de forma desigual, a depender da performance de gênero e sexualidade de um corpo, como também de demarcadores étnico-raciais, econômicos etc. No caso do presente artigo, traz-se esse viés de Butler ao perspectivar que corpos sexo-gênero dissidentes e as plantas partilham proximidades dessa exposição desigual, sobretudo por meio de uma reflexão crítica que leva em consideração a urbanidade.

artístico e pedagógico, para, assim, delinear percursos de pesquisa acerca da presente problemática. Por meio dessa via investigativa, compreendendo-a essencialmente política, chega-se à *néctapolítica*⁴ como outro segmento de enraizamento epistemológico *viadovegetal*.

Frente à realidade de que “A paisagem, sempre socialmente construída, é edificada em torno de instituições sociais dominantes e ordenada pelo poder dessas instituições” (BALDIN, 2021, p. 13), como também de que “A vegetação não é contemplada dentro da cidade ideal, aquela que celebra a arquitetura e o pensamento filosófico que a sustenta (MANCUSO, 2020, p. 44)”, podemos ponderar que é fundamental tecer tanto outras intensões éticas, bem como outras formulações teórico-discursivas. Podemos, por conseguinte, refletir que quando se pensa o viado, não há como fazê-lo sem este já representar uma vivência vegetal, ou, dito de outro modo, uma vivência *viadovegetal*.

Como bem cita Farias (2023), no artigo *A vida de viadoplanta: a morte é de quem? Rumo a outras reedificações de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero nas paisagens urbanas*:

Desenha-se, portanto, as linhas de intenção capazes de formular a *viadoplanta*⁵ como um espectro político de uma bixa vegetal, de uma planta viada, pois nessa relação forjam-se caminhos de proximidade às ordenações sociais normativas [...] *tal como das dinâmicas culturais*. (FARIAS, 2023, p. 154. Grifo meu).

Diante disso, pondera-se que a cultura, como um mecanismo político, constantemente cooptado pelos sistemas de valoração e modelização, acaba gerando, por meio dessa condição sistêmica, um movimento que podemos compreender por uma disputa de espaços (epistemológicos, estéticos, éticos etc.), que se implicam nos usos da

⁴ A *néctapolítica* é um conceito que tem sido desenvolvido a partir dos estudos da *viadoplanta*. Trata-se de um campo de fabulações que, sumamente explanando, constrói-se por atravessamentos da *necropolítica*, conceito cunhado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe. Este conceito de Mbembe, desenvolvido na obra *Necropolítica* (2019), aborda uma importante leitura da política de morte que se deposita sobre corpos oprimidos, sobretudo corpos negros. Por meio disso, formulo a *néctapolítica*, concebendo intentos de discutir e desenvolver políticas de relação entre corpos sexo-gênero dissidentes e as plantas. Esta não será, todavia, um direcionamento conceitual desenvolvido no presente artigo, no entanto, vale sua aparição exemplificando, e ilustrando, arrisco dizer, uma outra via que dimensiona a intenção de interagir a cosmologia vegetal e a política de corpos sexo-gênero dissidentes, pois se apresenta de suma importância para os exercícios epistemológicos acerca da cultura, logo que repropõe dinâmicas relacionais e, sobretudo, instaura novos imaginários. A *néctapolítica* aborda ponderações estéticas, poéticas e filosóficas do que pode ser articulado ao entrever a *viadoplanta* como espectro de criação e posicionamento ético. Assim, auxilia como pano de fundo a política de *cultura fabular* aqui cunhada.

⁵ Grifo do autor.

fabricação cultural (COELHO, 2001). Logo, mais do que intencional negociações estruturais, através de perspectivas que reconstruem os escopos que legitimam, ou não, a cultura de determinado povoamento, é necessário que possamos, também, criar elementos de renovação imaginativa do que mais pode a cultura como um agenciamento, ou seja, mobilizada por agentes interessados em processos subjetivos de criação, menos que em objetos produzidos⁶ meramente.

Expõe-se isso levando em consideração que, a proposição da viadoplanta, como um conceito que se realizará a partir da interação ético-estética entre corpos sexo-gênero dissidentes e as plantas, não apenas serve como método de nomeação conceitual, em vista de nomear uma relação, uma compreensão, mas, sobretudo, busca-se forjar horizontes perspectivados que possam atuar nas realidades das existências que se relacionam nesse espectro *viadovegetal*. Isso é fundamental ponderar desde já, pois, não se prevê uma fortuita desconstrução dos campos (bio)lógicos que fundamentam os princípios hegemônicos de cultura segregacionista, mas sim a propulsão de novas materialidades a serem negociadas nas acepções culturais de corpos *viadovegetais*.

O que há é o desejo de conceber efetivamente (e afetivamente) outros horizontes de fabulação cultural. Isso pois, ao compreender as territorializações que se promovem por meio da epistemologia frente ao que se legitima como cultura, podemos, assim, implicar fricções fundamentais; a divagação, a queda, os anseios, os pulos e pegadas de outros corpos que, comunicando-se, podem mobilizar ressonâncias de fabulação por entre o que se espera de uma organização cultural dita racional, como explanado acima com base numa contribuição do antropólogo Roque de Barros Laraia (2001).

Para tanto busca-se, em vista desse processamento crítico de termos fundamentais, traçar diretrizes reflexivas a partir da viadoplanta, compreendendo que se trata tanto de um campo ético e estético, quanto discursivo e filosófico, abrangendo mazelas políticas essencialmente, visto que promove outra leitura e, conseqüentemente, novas elaboração da cultura, para além de parâmetros universais.

Logo, considero importante delinear a respeito da ética como aparato moral que sustenta diversos paradigmas sócio-políticos universalizantes. A importância dessa espécie de revisão estrutural do termo está vinculada ao que o filósofo espanhol Paco

⁶ “Na ação, o agente gera um processo, não um objeto. O objeto pode até resultar de todo o processo, mas não se pensou nele quando se deu início ao processo, e nisso está toda a diferença” (COELHO, 2001, p. 13).

Vidarte (2019) elabora na obra *Ética bixa*. Para o autor, é preciso que reavaliemos alguns pressupostos ontológicos do saber, senão todos, a partir de contextualizações emergentes.

Em primeira instância, gostaria de abarcar o que Vidarte expõe sobre a ética:

Uma ética para seres humanos, suponho, que vale em determinadas circunstâncias: não matar, não roubar e um pouco mais. Inclusive, quando alguém diz “não matar” ou “não roubar”, o que está declarando é a proibição de matar ou de roubar aos que pertencem ao grupo de quem declara tais prescrições: não matar os meus, não roubar os meus. Toda ética universal, no fundo, é absolutamente particular, é uma ética de classe, de povo escolhido, de héteros, de masculinos, de uma maioria que pretende impor uma ética particular – por muito majoritária que seja – a todos em seu próprio benefício e em prejuízo das maiorias que não pertençam ao seu círculo de poder [...] (VIDARTE, 2019, p. 26).

Diante disso, pode-se notar que, se há outras possibilidades de compreensão da ética como um aspecto particular a depender de qual coletividades estamos nos atendo, e consequentemente qual o nível contextual e de complexidades das prescrições, é porque outras instâncias existenciais (não existencialistas) podem e devem ser mobilizadas, para que forjemos outros campos epistemológicos e críticos frente aos universais, tal como a ética, a cultura etc., visto que, “os Universais não explicam nada, eles próprios devem ser explicados” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 13).

A proposição de termos através de intensões mais contextuais serve para que não percamos de vista que, quando compreendemos a sociedade colonial como um projeto articulado em duas frentes, isto é, o colonialismo como escopo histórico e a colonialidade como mecanismo estrutural (QUINTEIRO; FIGUEIRA; ELIZALDE, 2019), podemos, então, entender que há comunicações estratégicas de manutenção dessa estrutura de coerção, abarcada por violências simbólicas e concretas. Isso apresenta-se, aliás, por meio da defesa do que faz ou não sentido. A ausência de sentido precisa, em primeiro plano, ser atravessada pelos questionamentos de: estamos compreendendo como ausência de sentido, o sentido que se promove justamente por não se aderir a uma ótica homogeneizante? Ou de uma elaboração refletiva que se fundamenta apenas quando promove o apagamento de outros sentidos? Pois, assim, desestruturamos uma gama de interesses neoliberais e epistemicidas. Não fazer sentido não é o mesmo que não evocar realidades, não fazer sentir. A *néctapolítica* evidencia relações, podendo, inclusive, fazer dançar outras cosmologias ético-estéticas na viadoplanta. Tal como a de uma *cultura fabular*.

Explana-se o sentir, pelas vias dos sentidos não estritamente racionais, mas nem por isso menos potentes, a partir do afeto como via analítica. O afeto é, aliás, um elemento fundamental nessa proposta de interação entre corpos sexo-gênero dissidentes e as plantas elaborando recortes culturais, pois, parafraseando Guattari (2012), menos do que ser um viés de representação, discursividade, o afeto é uma questão de existência. Portanto, afetar-se com a viadoplanta é também implicar-se de perspectivações culturais, pois agrega o viés cultural a outras narrativas e complexidades.

O tensionamento contextual como um mecanismo de enfrentamento permite que restituamos a irracionalidade, o devaneio, a fabulação criativo-filosófica como áreas de pesquisa, de promoção de discursos fundamentados, como também fantasiados, e, sobretudo, de elaborações crítico-políticas. Articula-se, portanto, a esta reflexão o que Vidarte aborda sobre o conceito de razão:

[...] a razão é patriarcal, também é heterossexual, heterossexista, homofóbica e nos amordaça quando queremos usá-la porque foi inventada para nos calar e nos massacrar. Cuidado com a razão! É preciso colocá-la em curto-circuito, se algo for sisudo e racional demais, provavelmente será heterossexista e homofóbico. [...]. Nunca nos exterminaram nem nos perseguiram gratuitamente, por esporte, sempre houve razões por trás, crenças, religiões, motivos muito decentes e busca do bem (VIDARTE, 2019, p. 120).

A razão, inclusive, é utilizada como um parâmetro fundamental de ponderação do que é válido ou não dentro de um sistema colonizador, que se articula, por sua vez, para defender e propagar uma perspectiva unilateral de humanidade, de linguagem, de cultura etc., construindo o que Ailton Krenak (2019), em *Ideias para adiar o fim do mundo*, chamou de *abstração civilizatória*⁷

É por meio da ética, e sobretudo da razão, que projetos hegemônicos de cultura se articulam propagando movimentos pouco transitórios e múltiplos em suas relações com as subjetividades de comunidades, para além da cisheteronormativa-humana. Por isso, quando Laraia (2001) reflete o princípio racional como um vértice de legitimação cultural, podemos, então, entrever esse pressuposto não só como mais uma implementação sistemática de exclusão e apagamento, mas também usar dele para criar artefatos políticos, em prol de refutá-lo sob a égide da razão transmutada em narrativas mais exploráveis.

⁷ Essa perspectiva será delineada mais à frente, visto que melhor dialogará com a discussão em que ela é recobrada.

Diante do que foi exposto até aqui, delineiam-se os pressupostos teórico-discursivos que elucidam a viadoplanta tanto como uma zona de atribuições ético-estéticas às dinâmicas culturais, por meio da multiplicidade das esferas que dela podem se mobilizar, quanto através de contribuições à construção de parâmetros que agenciem à cultura condições mais passíveis de esgarçamento, experimentações e proposições, no sentido de forjamento de novas possibilidades imaginativas acerca desse campo dinâmico sendo perscrutado.

Esse interesse de fabulação não prevê implicações exclusivamente macropolíticas frente à cultura, mas, sobretudo, a mobilização de micropolíticas como artifício para instaurarmos mais estrategicamente essas ressignificações conceituais que têm se produzido a respeito de termos estruturantes. Aborda-se essa via minoritária através do que reflete Rolnik (2018), ao expor que a intenção política somente depositada na macropolítica nos inibe de percebermos que as atuações micropolíticas também desencadeiam mudanças fundamentais, visto que lidamos com confecções outras de enfrentamento. O que, por sua vez, não se esboça menos deflagrante, mas sim abarcado por programas estratégicos de redistribuição do monopólio da violência⁸ (MOMBAÇA, 2021).

Esse aspecto de violação redistribuída realiza-se por segmentos mais periféricos, minuciosidades que nos relacionam potencialmente, e geram a possibilidade de quebrar, juntas (MOMBAÇA, 2021). A partir daí promove-se a compreensão de que os projetos de violências políticas podem e precisam assumir outras dinâmicas de direcionamento. O que também nos propõe outras leituras de resistência e existência coletiva.

Demandar essa articulação, bem como a restituição de perspectivas enrijecidas, não me interessa como método de entrada nos sistemas do dito “homem de bem”, branco, hétero, cisgênero, conservador, e que “protege” “avidamente” “a família”⁹, para, a partir disso, fazermos parte dos seus princípios *homengeneizantes*. O que há é um interesse em saber ler tais prescrições sociais, em vista de também poder elaborar percursos de teorias

⁸ Essa perspectiva de redistribuição do monopólio da violência é elaborada por Jota Mombaça, mais especificamente no texto *Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência*, presente no livro *Não vão nos matar agora* (2021). Trata-se de uma proposição importante como mecanismo de enfrentamento político, visto que forja um discurso de leitura da violência para além de uma condição meramente receptora. Ou seja, incita caminhos outros a corpos atingidos pelos processos de coerções, que, diante do que Mombaça traça, podem também produzir projetos de redistribuição desse monopólio.

⁹ A repetição das aspas é uma escolha metodológica e política, em vista de posicionar o interesse desse sistema brancocentrista e heterocisnormativo, como também ironizar a argumentação de que tal discurso moralista e conservador se alia a propostas realmente proficuas a outros corpos, que não somente aos que se agrupam estruturalmente nelas.

e práticas mais concernidas ao que nos mobiliza e nos capacita agenciamentos contextuais. Assim sendo, realiza-se tal exercício reflexivo buscando produzir implicações diretas no processamento da cultura, sobretudo levando em consideração que, assim como a ética e a razão, a cultura de corpos sexo-gênero dissidentes, ainda mais a cultura do viado acrescido às plantas, está composta de outras tecnologias, não somente ecológicas e políticas, mas também estéticas, cênicas, de outras enunciações de linguagens e outras coreografias.

Esse modo de repensar a linguagem, tensionada a partir de interesses mais corpóreos e críticos de relação para com a palavra, pode ser entendido também como um exercício de gesto da língua, logo que,

ao lado da cultura pelas palavras, há a cultura pelos gestos. Há no mundo outras linguagens além de nossa linguagem ocidental que optou pelo despojamento, pela secura das ideias e na qual as ideias nos são apresentadas em estado inerte, sem comover, de passagem [...] (ARTAUD, 2006, p. 127).

Essa contribuição do autor francês desmembra zonas fundamentais para projetos políticos que, referidos através de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero, deliberam fortificações nas renovações conceituais (culturais), visto que nos capacita a reaver o que mais podem dizer termos até então enrijecidos nas lógicas heterocisnormativas, e também nos posiciona ativamente como propositores e propositoras de povoamentos que desalinham a linguagem para, com isso, reencenarmos as dinâmicas culturais.

Dentro do trabalho que o antropólogo brasileiro Eduardo Viveiro de Castro desenvolveu na obra *Metafísicas canibais* (2018), podemos encontrar apontamentos que dialogam com as inflexões culturais que se busca articular aqui. Acerca disso, vale trazer à reflexão abordagens sobre o multiculturalismo ocidental, e o multinaturalismo ameríndio, sendo este último, por sua vez, uma via fundamental para abarcar a dinamicidade que a cultura pode instituir para realizar-se de modo mais múltiplo e contextual, porque singular. Um dos interesses dessa desassociação a despeito do multiculturalismo é o rompimento com a dialética natureza-cultura, abarcando, deste modo, a mobilização de uma variação. Em outras palavras, se trata de dizer que: “[...] o multinaturalismo amazônico não afirma uma variedade de naturezas, mas a naturalidade da variação, a variação *como* natureza” (CASTRO, 2018, p. 69).

A variação como um paradigma de produção da multiplicidade cultural não prevê, evidentemente, uma relativização como veículo de restituição do papel político de culturas não hegemônicas. O que há é a mobilização de perspectivas outras de criação e análise da cultura, desencadeando, em vista disso, capacidades mais éticas de leitura e propagação através da égide da singularidade, renovando os campos epistemológicos que sustentam corpos e seus processos de povoamento cultural.

Como já dito anteriormente, Ailton Krenak (2019), na obra *Ideias para adiar o fim do mundo*, traça ponderações fundamentais de auxílio a visualização do que refutamos quando mobilizamos discursos de aviltamento das políticas que se pautam na centralização das perspectivas, promovendo o que o autor elabora por uma *abstração civilizatória*, que, “suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo o mundo” (KRENAK, 2019, p. 23). Essa argumentação do ativista e autor indígena, se vincula fundamentalmente ao que vem sendo construído aqui, pois nos elucida, por meio da nomeação, isto é, sob o exercício de nomear a norma (MOMBAÇA, 2021), a visualização do que tem sido promovido como método de formatação – cultural, linguística, artística, criativa etc.

Assim sendo, podemos conceber diálogos entre modos e mundos de existências capazes de outros mecanismos de inventividade frente às diretrizes coercitivas dos processos de subjetividade (GUATTARI; ROLNIK, 1996). Em vista disso,

Produz-se, assim, a possibilidade de desobstruirmos os espaços (da cidade, da sala de aula, da família, das praças públicas) apresentados como aspectos sistemáticos de normatividade, que visam neutralizar subjetividades e deflagrar a compreensão de que podemos ser terra, pedra, caroço, flor, e mais o que a condição de *viadoplanta* nos permitir (FARIAS, 2023, p. 166).

Como já dito, a proposição da viadoplanta como um meio de tanto elaborar conceitualmente a interação de corpos sexo-gênero dissidentes e as plantas, quanto de implementar horizontes filosóficos, éticos e estéticos, forja-se, também, como um paradigma prático de reflexão da cultura em seu caráter dinâmico (LARAIA, 2001), logo que busca instituir imaginários e fundamentos *viadovegetais* de suma importância frente à realidade de coerções sistemáticas que elaboram contínuas manutenções nos projetos da colonialidade. Dito de outro modo, vê-se que a reelaboração de perspectivas, seja a partir de um conceito, de uma criação artística, de uma escrita, já exerce manifestações anticoloniais quando abarcando a descentralização epistêmica como veículo político.

Diante disso, pensar na cultura como um agenciamento que se povoa por uma (variável) multiplicidade de corpos (lê-se também contextos, perspectivas e discursividades), potencializa-a, conseqüentemente.

O que se atribui às remodelações terminológicas, que nunca são só terminológicas, é um movimento de interpelação às políticas que visam intimidar os processos de subjetividades dos corpos. Tais pressupostos formativos produzem um encaixotar das existências e suas dinâmicas singulares. Seria uma representação do que Suely Rolnik (2018) chama de *cafetinagem dos afetos*¹⁰, potencialmente utilizada para a cooptação das perspectivas múltiplas, logo que estas nos capacitam a implementar novas diretrizes de operação às dinâmicas de corpo cultural, linguístico, relacional, analítico etc., tal como busca-se fazer, aqui, a partir de uma *cultura fabular*

Que ressonância gestual tem a cultura quando coreografada por um só corpo institucional?

Diante do que vem sendo delineado, é interessante refletirmos a cultura como um organismo múltiplo, sobretudo pela concepção desta como um agenciamento social, de interferência e intercâmbio entre as comunicações de corpos por meio do que produzem culturalmente. Essa ponderação alia-se ao que vem se postulando acerca do aspecto cultural como uma dinamicidade. Isso pois, fazer tal exercício, nos possibilita entrever outros mecanismos de manutenção do viés relacional frente ao que compreenderemos por cultura, como também a respeito dos métodos de leitura e mobilização das ações culturais (COELHO, 2001).

Segundo Guattari e Rolnik (1996), a cultura, quando cooptada pelos interesses de massa, produz subjetividades. Essa perspectiva de produção de subjetividades nos incita a notar o caráter operacional que a cultura pode exercer quando utilizada como método de manutenção das relações de poder/saber. Para os autores de *Micropolíticas*,

Essa cultura de massa produz, exatamente, indivíduos; indivíduos normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão – não sistemas de submissão visíveis e explícitos [...], mas sistemas de submissão muito mais dissimulados (p. 16)

¹⁰ Para Suely Rolnik (2018), na obra *Esferas da Insurreição – Notas para uma vida não cafetinada*, essa perspectiva de uma cafetinagem dos afetos é um desdobramento de abusos sobre a vida dos corpos, sobretudo corpos não hegemônicos. Essas violações são promovidas por um sistema capitalista e colonial que se estruturou na “exploração de forças de trabalho e da cooperação intrínseca à produção”, para atualizar-se, então, na expropriação da vida, “mais especificamente, de sua potência de criação e transformação na emergência mesma de seu impulso [...]” (ROLNIK, 2018, p. 32).

Essa produção de subjetividade, evidentemente, está desassociada de incitações a processos de subjetivação (GUATTARI; ROLNIK, 1996). Produzir subjetividades, nesse aspecto da cultura como veículo de tal interesse sistêmico, reflete o que Coelho (2001) aborda ao expor a fabricação cultural como um método de relação para com a sociedade e a manutenção da cultura de massa. Para contrapor isso, o autor traça a *ação cultural* como um mecanismo de restauração dos estados de diluição e indistinção que, por suas vezes, são estruturais nas condições de fabricação da cultura.

Esses procedimentos teórico-discursivos contribuem para que criemos posicionamentos mais estratégicos e políticos de elaboração dos campos da cultura, substancialmente ao lê-la como um agenciamento que, sim, está constantemente cooptado pelos interesses neoliberais e coloniais de fabricação e produção mercadológicas, mas também pode ser reelaborada por meio de proposições epistemológicas que, inexoravelmente, redistribuem os mecanismos de ocupação dessas zonas de legitimação social – bem como cultural.

Isso é o que se prevê, portanto, ao traçar a viadoplanta como um conceito que tanto visa atuar na criação de imaginários, ao pensar corpos sexo-gênero dissidentes interagindo com as plantas e forjando discursos e perspectivas em potencial, quanto se interessa em promover tal proposição de pesquisa como, também, uma redistribuição epistêmica atuando como acionamento cultural de corpos não hegemônicos, possibilitando, desse modo, recriações de análise ao conceito de cultura, em vista de tutelar outras ocupações sociais coletivas, porque singulares.

Logo, propõe-se discursividades, danças, escrituras, imagens, imaginações, discursos, realidades, relações, em suma, métodos múltiplos de produção epistemológica, em vista de saberes que se oponham absolutamente ao que o projeto colonial pretendeu a uma educação hegemônica (KILOMBA, 2019).

Diante disso, vale também a seguinte reflexão:

Ao pensar a política de corpos não hegemônicos e reinvenções na movimentação epistemológica, parece inconcebível, ou ao menos pouco indicado, que isso se deposite na mesma engrenagem da epistemologia propagada por um sistema que reitera o exclusivismo das relações de poder colonial, capitalista e neoliberal. [...] Para intencionarmos rumos pedagógicos precisamos também levar em consideração quais são os movimentos de exploração e distribuição da episteme, refletir que aspecto de imanência se faz presente quando pensamos na mobilização de saberes, isto é, questionar como estes se produzem e se organizam na vida de determinados corpos e quais são, portanto, seus contextos políticos e sociais. Há nisso, então, o pressuposto de

uma *inventividade* (lê-se também pedagogia) imbuída, promovida, aliás, pelas vivências dos corpos, tal como o de pessoas LGBTQIAP+, substancialmente buscando compreender as dinâmicas de convívio nos âmbitos familiar, social, escolar, afetivo, pessoal etc. [...]. Isso converge essencialmente com uma tecnologia de micropolítica que precisamos compreender e saber elaborar (FARIAS, 2023, p. 161-162)

Que cultura a linguagem da viadoplanta fabula quando performa?

Para Richard Schechner (2013), a cultura é um “amplo espectro” (p. 37). Para Diana Taylor (2013), a performance possui um “histórico de intraduzibilidade” (p. 13). Já segundo Renato Cohen (2000), dentre seus trânsitos fluidos de definição, a performance pode ser compreendida como uma *linguagem gerativa*, que habita justamente esse espaço de transitoriedade ao ocupar territórios que serão, por conseguinte, desterritorializados, como uma espécie de engrenagem que se mantém viva porque renova-se na mutabilidade.

Dentre essas (in)definições, compreendo que um traço fundamental da performance é a relação corpórea como alicerce mobilizador, logo que não se concerne à materialidade do corpo como um projeto a ser organizado. Pelo contrário, mais vincula-se a desorganização, no entanto, não como relativização do que se processa, mas como método de cartografar percursos. Talvez por uma característica própria, a performance pode ser lida como uma abstração de linguagem, mas, antes de tecer qualquer intento de defesa, mais me interessa expor que não se trata de uma transcendência meramente, contudo, e substancialmente, é a possibilidade de capacitar-nos ao encantamento, ou seja: “outros modos de existir e praticar o saber” (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 6).

Por meio dessas perspectivas se reorganizam espaços institucionais, concretos e simbólicos, logo que se vê a epistemologia como um veículo de legitimação cultural, sobretudo a partir da ótica centralizadora dos saberes que prescrevem como irracionais movimentos culturais não hegemônicos. Traça-se, desse modo, valorações de sentido ou não sentido, como já delineado. É interessante notar, portanto, como a epistemologia centralizadora recorta consideravelmente os movimentos da cultura, e, por isso, precisa ser reavida, como aqui se faz a partir da viadoplanta como um agente performativo do saber.

Para refletir melhor isso busco promover, portanto, uma breve discussão acerca da performance concernente ao que vem se forjando como antagônico a esses processos de cooptação da cultura. Logo, gostaria de falar da viadoplanta como um aspecto performativo agenciador de prospecções epistemológicas – e culturais consequentemente.

A performance, como um segmento cênico que busca a experimentação, a exploração dos ideais como princípio gerador de mecanismos criativos, e de experimentação do que se agencia, agrega ao corpo narrativas mais transitórias e processuais.

Trata-se de visualizar o corpo como materialidade mais subjetiva e plural nos atravessamentos que o mobiliza, ou seja, menos do que uma objetividade serializada, cooptada pela normatividade que preconiza processos de recalque da vitalidade. Segundo Suely Rolnik, na palestra *O retorno do corpo-que-sabe*, apresentada no 8º Encontro do Instituto Hemisférico de Performance e Política de São Paulo, o recalque da vitalidade está organizado como um dispositivo da cultura ocidental que fundamenta o que ela chamou de grau baixo de vitalidade: “Quando o grau de vitalidade é pequeno, os graus de tolerância aos efeitos do mundo no nosso corpo, na nossa subjetividade, são mínimos. E é isso que gera carnificinas e os totalitarismos, do ponto de vista do desejo” (ROLNIK, 2013).

Por meio disso, vê-se na performance tanto uma via de potencialização dos afetos que mobilizam no corpo o desejo de novas cartografias culturais, quanto de promoção das compreensões relacionais aqui sendo mobilizadas, abarcando vias culturais múltiplas. Defendo, desse modo, o vínculo ativo da viadoplanta como mecanismo performativo nas elaborações acerca do conceito de cultura.

Propor que a viadoplanta, dentre seus processos de materialização e intromissão nos sistemas políticos vigentes, como um saber reavido pela complexidade de corpos sexo-gênero dissidentes em interação com as plantas, também se posiciona como um elemento de perspectivação cultural, é, além do mais, articulá-la às modulações performativas de auxílio na revisão do que podemos produzir de operações culturais ao evocar outros saberes. Arelado a isso, podemos pensar na performatividade como outra zona de reflexão, logo que, “a performatividade caracteriza primeiro, e acima de tudo, aquela característica dos enunciados linguísticos que, no momento da enunciação, faz alguma coisa acontecer ou traz algum fenômeno à existência”. Logo, “a performatividade é um modo de nomear um poder que a linguagem tem de produzir uma nova situação ou de acionar um conjunto de efeitos (BUTLER, 2018, p. 35).

A viadoplanta age diretamente na linguagem ao repropor discursividades que, menos do que somente abordar discursos-teorias, promovem capacidades epistêmicas, e práticas, à vida de corpos que se relacionam com outros processos de razão, de ética, de cultura etc.

A proposta em que se prevê a viadoplanta como um corpo conceitual que gera implicações nos escopos hegemônicos da cultura, por meio da concepção performativa de um conceito que reelabora ocupações sociais, forja, desse modo, violações estratégicas de fabulação sobre um poder sistematicamente violento. Interessa-nos, contudo, mobilizar irrupções estéticas que reagrupem discursos políticos, podendo, com isso, reencenar a presença política dos corpos que não somente atuam efetivamente nos processos culturais, mas que também exercem o trabalho de fabular saberes e pedagogias cênicas de povoação cultural.

Logo, trata-se de poder, com o forjamento de uma proposição *viadovegetal*, gaguejar a comunicação que organiza a cultura fora de suas dinâmicas inventivas. Para falar com Mombaça (2021, p. 60), trata-se de entrever relações com a linguagem que nos permitam a gagueira “como uma política de enunciação”.

Na obra *Pele negra, máscaras brancas*, Frantz Fanon (2008), mais especificamente no primeiro capítulo intitulado *O negro e a linguagem*, se debruça sobre a relação da linguagem na perspectiva da dialética eu-outro, especialmente abarcando a crítica do trabalho da língua como uma articulação política que serializa posicionamentos em parâmetros não contextuais às suas vivências. Esse delineamento do autor é elementar aqui, pois dialoga com os modos que podemos catalogar para agenciar discursos culturais concernidos à égide da multiplicidade, conforme estimulamos, tensionamos e esgarçamos a linguagem em vias de uma esfera processual e contextual, logo que “Falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura” (FANON, 2008, p. 50).

Desse modo, a viadoplanta, que se esboça como sendo uma proposição performativa, interagindo aspectos antropológicos, sociológicos e ecológicos, mas sobretudo de criação artística, realiza-se menos como um conteúdo inscrito pelos processos de violências e violações sistêmicas, do que como uma experiência ético-estética da linguagem ao entrever perspectivas efetivas (e afetivas), através do que enuncia ao anunciar a interação do viado que se relaciona às plantas.

Questiona-se, por meio do que a viadoplanta movimentada, a condição generalista em que se calca, sistematicamente, a cultura numa elaboração unilateral discursivamente, isto é, atribuída por uma linguagem colonialista e pouco (ou quase nada) relacional. Dito em outras palavras, trata-se de refletir que, repensar o escopo da linguagem, por meio de forjamentos outros da epistemologia, é, por sua vez, reaver os agenciamentos da(s) cultura(s).

Conclusão

Quando trazemos à discussão o desejo por outros movimentos éticos de agenciamento da cultura, isso alia-se fundamentalmente ao que fazemos com aquilo que está disponível para tal construção estética, discursiva, filosófica e epistemológica. Porque a linguagem, como a cultura, ou melhor, a linguagem como um instrumento cultural (FANON, 2008), precisa ser revisitada não somente com o intuito de uma revisão crítica acerca dos sentidos e exclusividades que a subjazem, mas também para a captação de quais outras esferas contextuais ela pode abarcar. Logo, o exercício de restituir modulações interpretativas da linguagem, vasta como a cultura, é de outro modo redistribuir tendências propulsoras de esvaziamento da complexidade de uma programação cultural múltipla. “Concluindo, cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender essa dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos (LARAIA, 2001, p. 101).

REFERÊNCIAS

- ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BALDIN, Rafael. **Sobre o conceito de paisagem**. In: Paisag. Ambiente: Ensaios, São Paulo, v. 32, n. 47, p. 1-17, 2021.
- BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança e a Política das Ruas**: Tradução Fernanda Siqueira Miguens – 1 ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- COELHO, Teixeira. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas: uma metafísica da mistura**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. – São Paulo: Editora 34, 2010.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FARIAS, Saile Moura. A VIDA DE VIADOPLANTAS – A MORTE É DE QUEM? Rumo a outras reedificações de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero nas paisagens urbanas In: **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**. Belo Horizonte, v.13, n.27, p.1-23, 2023.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose*: um novo paradigma estético. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento**: projetos episódios do sul. Goethe-Institut São Paulo, 2016.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** – Episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. 1. Ed. – Rio de Janeiro, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, Jorge. **Tremores: Escritos sobre experiência**. 1ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MANCUSO, Stefano. **Revolução das plantas**. Traduzido por Regina Silva. – São Paulo: Ubu Editora, 2019.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. 1ªed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MUNANGA, Kabengele. O papel da universidade na luta antirracista e em defesa das políticas afirmativas. In: Rosângela Pereira de Tugny; Gustavo Golçalves (Org). **Universidade popular e encontro de saberes**. Editora Edufba, p. 59-68, 2020.

MBEMB, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Traduzido por Renata Santini. – São Paulo: n-1 edições, 2018.

QUINTEIRO, Pablo; FIGUEIRA, Patrícia; ELIZALDE, Paz Concha. Uma breve história dos estudos decolinaais. In: **MASP Afterall**, 2019, p. 1-12.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: Notas para uma Vida não Cafetinada. – São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROLNIAK, Suely. O retorno do Corpo-que-sabe. Conferência realizada no 8º Encontro de Performance e Política do Instituto Hemisférico. Disponível em:

<http://hemisphericinstitute.org/hemi/pt/enc13-keynote-lectures/item/2085-enc13-keynote-rolnik> Acesso em: 04 abril. 2023.

SCHECHNER, Richard. “Pontos de contato” revisitados. In: DAWSEY, John; MULLER, Regine P.; HIKIJI, Rose Satiko G.; MONTEIRO, Mariana F.M. (Org). **Antropologia e performance**: Ensaio Napedra. – São Paulo. Editora Terceiro nome, 2013, p. 37-65.

SIMAS, Luiz Antônio. RUFINO, Luiz. **Encantamento**: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

TAYLOR, Diana. Traduzindo performance [prefácio]. In: DAWSEY, John; MULLER, Regine P.; HIKIJI, Rose Satiko G.; MONTEIRO, Mariana F.M. (Org). **Antropologia e performance**: Ensaio Napedra. – São Paulo. Editora Terceiro nome, 2013, p. 9-16.

VIDARTE, Paco. **Ética bixa**: Proclamações Libertárias para uma Militância LGBTQ. São Paulo: n-1 edições, 2019.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas Canibais**: Elementos para uma Antropologia Pós-estrutural. São Paulo: Ubu Editora; n-1 edições, 2018.